

GRAFIAS DUAIS EM ‘SOLIDARIEDADE HUMANA’ E A ‘FUNÇÃO SOCIAL DA CIÊNCIA’

Thiago Azevedo Sá de Oliveira (UFPA)

Resumo: A par da dinâmica de “irrealização do real e da realização do imaginário”, conforme aponta Wolfgang Iser (1926-2007) n’*O fictício e o Imaginário: perspectivas de uma Antropologia literária* (1992), sublinha-se do conto *Solidariedade humana* (1935) e do ensaio *A função social da ciência* (1954), ambos de autoria de Josué de Castro, presentes no “Documentário do Nordeste” (1937) e no “Ensaio de biologia social” (1957), a relevância crítica do fluxo literatura-ciência em face da ambivalente feição artística esboçada pela ficção. No diálogo com a biologia, as ciências sociais e a geografia, os dois textos decompõem estruturas preexistentes de organização da referencialidade em ato pelo qual, a própria seleção e, a posterior combinação dos elementos resulta na transgressão de limites do real e na expansão disforme da grafia liminar.

Palavras-chave: Ciência. Desmesura. Textualidade.

1. *Aperitivos da escritura “anfíbia”*: o roteiro ensaístico e interdisciplinar

Reconhecido na Geografia, na Medicina, na Sociologia e nas Letras, pelo discurso que apresenta a fome como conflito essencial de sua produção, Josué de Castro (1908-1973) tenciona a natureza holística da escritura que compõe em proveito da superação dos lugares estáveis das disciplinas, das temáticas e dos gêneros literários. A fome, enquanto elemento de tensão é compreendida como fio condutor que situa a consciência do homem diante do mundo, ao passo que se amplia na linguagem o sentido de real organizado pelo jogo da repetição e da transgressão ensaística ¹.

¹ Assimila-se a noção ensaística do texto de Josué de Castro como próxima à formulação de Ortega y Gasset, para quem: “Estas Meditaciones, exentas de erudición —aun en el buen sentido que pudiera dejarse a la palabra— van empujadas por filosóficos deseos. Sin embargo, yo agradecería al lector que no entrara en su lectura con demasiadas exigencias. No son filosofía, que es ciencia. Son simplemente unos ensayos. Y el ensayo es la ciencia menos la prueba explícita [...] y el rígido aparato mecánico de la prueba es disuelto en una elocución más orgánica, movida y personal.” (ORTEGA Y GASSET, 1963, p. 11-12).

Dado o recorte deste artigo, escolhe-se do livro *Documentário do Nordeste*², o conto *Solidariedade humana* e, do *Ensaio de biologia social*, o texto *A função social da ciência*. Deles, a leitura aproximativa e o tino “anfíbio” que possuem para a provocação da arte-ética busca observar a feição orgânica da escrita josueniana, por ora, estudada de modo crescente³.

Marcada pela extrapolação das “fronteiras” discursivas da ciência e da literatura, a textualidade de Josué de Castro enseja a criação de um lugar interdito, pautado pela liminaridade dos saberes, pela mediação de discursos e pela alteridade das vozes sensíveis à experiência inventiva do subdesenvolvimento⁴.

Lado a lado, os oito contos distribuídos no livro *Documentário do Nordeste* (1937), dentre esses, “Solidariedade humana” e os textos presentes no *Ensaio de biologia social* (1957), a exemplo do “A função social da ciência”, reverberam a compreensão do Josué de Castro em seu pensamento orgânico e transgressor. Ciente disso, a leitura comparada dos textos possibilita especular o *fingir* como ato dinâmico de ressignificação do imaginário científico e social. Eis porque se deduz,

Sem dúvida, Josué de Castro não era dado a especializações, pois não concebia o estudo da ciência a partir de disciplinas intransponíveis. Era o cientista interdisciplinar que analisava a necessidade que têm as ciências de serem dialógicas [...] ou seja, sua principal estratégia é a ação, assumindo a execução das propostas que formula, ocupando espaços políticos, criando e dirigindo centros de estudos; escrevendo artigos, ensaios, livros – da ciência à literatura – sempre com perspectivas universais; ultrapassando fronteiras do conhecimento e lançando novos paradigmas teóricos; provocando também o alargamento e o aprofundamento nas abordagens políticas e instrumentais. (NOGUEIRA; SANTOS, 2012, p. 81).

² “[...] o livro, “Documentário do Nordeste”, no qual Josué de Castro reuniu trabalhos de épocas diferentes, desde contos escritos na sua mocidade e nos quais, segundo o seu próprio dizer, procurou retratar em alguns tipos humanos a paisagem viva do Nordeste brasileiro – contos de um profundo realismo, em que o amor pela sua gente o levou a visualizar problemas que depois procurou explicar em termos de ciência. E o fez. Esse o mérito incontestado dos estudos de Josué de Castro que deles faz uma obra sem paralelo em nossa literatura. São os trabalhos de um cientista divulgados com o brilho de um escritor invulgar...” (EDITORA BRASILIENSE, [orelha do livro], 1959b).

³ “Possivelmente, as últimas gerações de brasileiros, mesmo os “leitores”, não sabem quem foi Josué de Castro. Há muitos livros seus que não são reeditados no Brasil. Em contrapartida, qualquer adolescente na França e no Canadá deve ter tido a oportunidade de ler alguns de seus textos.” (NOGUEIRA; SANTOS, 2012, p. 96).

⁴ Ver TARANTO, Giuseppe di. *Sociedade e subdesenvolvimento na obra de Josué de Castro* (1978). Trad. Maria de Fátima Mendes Leal. Belém: CEJUP, 1993.

A interdisciplinaridade que identifica o pensamento josueniano repercute na estilística da obra. Em função das ideias expressas por Josué de Castro no *Geopolítica do fome* (1951), a dimensão interdisciplinar reitera a forma dinâmica da qual resulta a coerência criativa de seu texto. Nas palavras do autor, sua composição consiste no método que prima por uma “visão mais ampla do problema, uma perspectiva em que as implicações, as influências e as conexões de seus múltiplos fatores naturais e culturais, pudessem tornar-se inteligíveis.” (CASTRO, 1959a, p. 79).

Depreende-se da escrita de Josué de Castro, além de notório saber científico, a habitualidade prosaica com que o autor dilata a fome e o subdesenvolvimento à abrangência de diversos saberes, dentre esses, o literário. O crítico Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Athayde (1893-1983) aponta no prefácio da décima edição do *Geografia da fome* (1946) a originalidade deste volume, comparando-o ao clássico *Os Sertões*, de Euclides da Cunha⁵.

O fôlego ensaístico exposto por Tristão de Athayde chega ao conjunto da bibliografia josueniana. No que concerne ao estudo integrado de *Solidariedade humana* e *A função social da ciência*, os respectivos textos se coadunam aos pressupostos do crítico, para quem a avaliação não se faz limitada ao propósito das “anotações aos livros estranhos, mas de visão própria; não apenas literária, mas vital [...] uma visão geral da vida. Não uma visão livresca, nem só literária ou mesmo exclusivamente estética.” (ATHAYDE, 1980b, p. 125).

Em virtude da identidade polimorfa do conto e do ensaio, cruzados por discursos da ciência, da literatura e da sociologia, a abordagem deste artigo parte do pressuposto de substituição do par “realidade/ficção” pela tríade “real-fictício-imaginário”. Com vistas à mudança paradigmática amparada no aporte da antropologia literária (ISER,

⁵ “Passados 25 anos da publicação desse livro-chave, representa ele ainda hoje o retrato mais trágico e igualmente mais fiel de nossa realidade nacional. Comparável a ele, somente *Os Sertões* de Euclides da Cunha. [...] Por essas e outras é que a obra clássica de Josué de Castro merece ser relida e aproveitada, pois sua inspiração é, ao mesmo tempo, científica e moral, como deve ser toda fórmula social, para o bem de uma nacionalidade de vasto futuro como a nossa. Josué de Castro pagou caro sua sabedoria. Mas a posteridade lhe faz justiça e há de aproveitar-se de sua ciência. Como a tragédia da fome não é privilégio do Brasil, nem do Sahel, Josué de Castro deixou, para a posteridade, aquela sua frase famosa, já citada em um dos meus artigos: “Metade da humanidade não come e a outra não dorme com medo da que não come...””. (ATHAYDE, 1980a, p. 20).

2013) e na sociocrítica (BERGEZ et. al, 1997), busca-se estabelecer uma nova chave de leitura para a obra de Josué de Castro, que vise ao texto como “espaço onde se desenvolve e se efetua uma certa socialidade.” (BERGEZ et. al, 1997, p. 144), isto é, voltando-se à ficção como ato de combinação, seleção e criação.

Relevantes à problematização da arte e da vida, os textos de *Solidariedade humana* e *A função social da ciência* encenam a expansão do “fictício para além do quadro das obras literárias.” (LIMA, 2006, p. 279), bem como, para adiante dos traços empíricos da ciência. Os respectivos conto e ensaio se colocam precedidos pelos contornos do impasse que situa o terreno da antropologia literária e da sociocrítica, isto é: os textos “ficcionalizados” serão de fato tão ficcionais e os que assim não se dizem serão isentos de ficções?” (ISER, 2013, p. 31).

2. Assimetrias e transposições: o imaginário antropológico josueniano

No ano de 1937, o aparecimento do livro *Documentário do Nordeste*⁶ introduz o público na articulação de sentidos científicos, estéticos e sociais condensados pela obra de Josué de Castro. Em expressão integrada que alia a sensibilidade do escritor à lucidez do cientista, *Documentário do Nordeste* supera a expectativa onomástica do título, revelando ao leitor, além de estudos relevantes ao mapeamento científico da fome, uma minuta literária, desenvolvida pelo jovem Josué na escrita de oito contos: “O ciclo do caranguejo”, “o despertar dos mocambos”, “A cidade”, “João Paulo”, “Ilha do leite”, “Assistência social”, “Solidariedade humana” e, “A seca”.

Em prefácio de 1959, à segunda edição do *Documentário do Nordeste*, o crítico literário e escritor Olívio Montenegro considera que, há nos contos assinados por Josué de Castro, uma travessia da história do Recife e do sentimento universal de humanidade, assim deslocados pela mediação da estilística josueniana. Para validar sua acepção, o prefaciador convida o leitor a dar aval ao que atribui como sendo o conto fruto de ‘um escritor de “autêntica imaginação... de escritos com um tão lírico sabor” (MONTENEGRO, 1959, p. 4).

⁶ CASTRO, Josué de. *Documentário do Nordeste*. 1. ed. José Olympio: Rio de Janeiro, 1937.

Anterior à publicação do *Geografia da fome* (1946) e do *Geopolítica da fome* (1951), volumes que tornam o médico pernambucano um dos pensadores de maior influência na órbita intelectual do século XX, *Documentário do Nordeste*, organizado em três partes: I) A paisagem vida do Nordeste (contos e descrições), II) Estudos sociais e III) Estudos biológicos, incorpora em sua divisão apenas didática a importância de compreender as partes em diálogo simultâneo, “fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra.” (CANDIDO, 2006, p. 13).

No ensaio *Compromisso com a vida, não com a ordem: arte e ciência em ‘Documentário do Nordeste’* (2012), Anna Waleska Nobre Cunha de Menezes focaliza sua leitura a respeito dos contos, partindo da estruturação conceitual de duas premissas: a intenção temática dos oito contos e, a acepção estilística do autor, na composição híbrida de textos tidos pelo “olhar antropolítico-literário” (MENEZES, 2012, p. 152).

O penúltimo da sequência dos oito contos disponibilizados n’A paisagem viva do Nordeste, “Solidariedade humana” traz à tona a história da amizade entre dois personagens marginais: Chico – o leproso e, Cosme – o paraplégico. A princípio, ambos são compostos pela densidade dos atributos de desamparo social que encerram; por isso, direcionam o texto como fonte de experimentação narrativa, do estético sensível ao limite antropológico.

Sob o plano periférico da “cidade do Recife que é, sob certos aspectos, a Hong-Kong da América.” (CASTRO, 1959b, p. 44-45), o conto “Solidariedade humana” torna conflitante o desamparo das personagens, fazendo erigir a discussão da liberdade cerceada de Chico, da descrença nos avanços da ciência e, de forma mais lúdica, da noção de alteridade, assim posicionada à luz de Cosme, na metáfora do seu espelhinho de mão.

Chico era sozinho no mundo, desamparado, escondendo-se naquele isolamento com medo da caridade pública organizada. Chico era leproso e sabia que bastava olhar para o seu rosto com suas enormes orelhas caídas, seu nariz esborrachado, para se reconhecer imediatamente a horrível lepra que assusta e que dá nojo. E tinha um medo horrível de ser levado à força para o hospital,. Cético, não acreditava que a medicina lhe desse melhoras e não compreendendo as razões da profilaxia, o que ele não queria perder nem por sonho era a sua liberdade. A liberdade de flutuar numa jangada nas noites caladas por sobre as águas calmas do Capibaribe. [...] O Cosme morava num

dos mocambos do baixio, paralítico há 18 anos, desde os tempos de rapazinho, quando parou de cortar grama para os cavalos de corrida e caiu numa cama para nunca mais se levantar. [...] Com Cosme vive uma tia velha, a negra Totonha, de mais de 70 anos. A única diversão de Cosme é um espelhinho de mão. Deitado na salinha da frente com a cabeça junto da janela baixa do mocambo êle orienta a luz do espêlho para o lado do caminho que cruza lá longe e vê naquele pedaço de vidro um reflexo da vida que passa. Aquêlê espelhinho constitui todo o seu mundo, o mundo de tôdas as suas sensações. Sensações simples e puras que dão a Cosme uma alma de criança cândida e pueril: - “Titia, lá vai passando o homem da verdura... O filho do coronel já vem da escola.. O vigia da fábrica já vai voltando...”.[...] São êsses os comentários que êle faz sôbre o mundo real que os seus olhos alcançam, de longe, através do espêlho. (CASTRO, 1959b, p. 46-47).

As sinopses anteriores introduzem o perfil das personagens, reunindo reflexões acerca do espaço e do tempo conduzidos pelo fio condutor do curto enredo das histórias de solidariedade. O estigma patológico/social associado à lepra e à paralisia e a vergonha, esta consistindo em elemento desencadeante do isolamento de Chico e de Cosme no mangue, ao nível profundo do conto, assumem a função de articular o silêncio, o desejo de liberdade e de sonho, como estruturas construtivas de uma breve narrativa da condição humana em sua dinâmica opressora.

O conto não deixa de preparar o leitor para a percepção ambivalente e, portanto, significativa da ensaística josueniana. A metáfora do “espelhinho de mão”, instrumento portado por Cosme, parece “dar a ver” na repetição do fingir, a expansão da alteridade, situando em vários planos de uma mesma imagem narrativa, o fictício, adiante da rigidez que outrora separaria os discursos da literatura e da ciência.

O limiar compositivo de ciência e literatura permite que se identifique no trânsito do *topos* opressor “centro/periferia” (Recife/mangue), a difração⁷ do próprio *conto* josueniano. Nele, a vida encenada desperta sua própria verdade, próxima à noção que confere ao *fingir* a prerrogativa de provocar a repetição da realidade no texto, “atribuindo, por meio desta repetição, uma configuração ao imaginário, pela qual a

⁷ Na física clássica, o fenômeno da *difração* é descrito como uma aparente flexão das ondas em volta de pequenos obstáculos e também, como o espalhamento, ou alargamento das ondas após atravessar orifícios ou fendas. Tome-se de empréstimo o uso do termo *difração* a fim de dar conta do trânsito compositivo da obra de Josué de Castro, que após a travessia da matéria científica no texto literário e, do literário no científico, aprofunda e alarga os discursos ético e estético em proveito da compreensão holística, logo, antropológica das partes que lhe integra.

realidade repetida se transforma em signo e o imaginário em efeito do que é assim referido.” (ISER, 2013, p. 32).

Compreender os elementos que interagem para a construção de “Solidariedade humana” prevê abolir as fronteiras do *entretex* ficcional e da ciência “dura”, em troca do aproveitamento dialógico que insere o homem como mediador de linguagens, em atividade humanista de integração, organização e seleção do imaginário. A “fenda” aberta na textualidade de Josué de Castro manifesta o ritmo prosaico que atribui ao conto uma literariedade antropológica.

No parágrafo final do conto: “Mundo estreito, pobre, limitado, era êsse de Cosme e de Chico, mas de uma grande lição de solidariedade humana. Quase de felicidade heroica dentro do maior dos infortúnios.” (CASTRO, 1959b, p. 49), o questionamento da cartografia excludente do espaço urbano é ampliado. A desigual distribuição de renda e a injusta divisão do alimento, em ação sinestésica de interação com o real (e com as teses defendidas pelo cientista Josué de Castro) dão o tom ensaístico da obra, a par e passo, estética, ética, e pedagógica.

A forma ensaística é a marca das obras de Josué de Castro e o reflexo de sua preocupação com a divulgação científica, com a democratização do saber, com o “ciclópico esforço arquitetônico” de “dar a ver”. O ensaio não é uma novidade nas ciências sociais, se considerarmos os trabalhos de Georg Simmel e de Marcel Mauss, por exemplo. Essa forma, aliás, representa muito bem o momento intelectual no qual Josué de Castro se inscrevia. No entanto, não devemos entendê-la como uma opção apenas pelo atrativo estético, mas ético, e pedagógico, que lhe permite ultrapassar o caráter “frio” e “circunspecto” da ciência, aproximando-se dos modos sutis da arte, sem perder em rigor científico. [...] É assim que ele nos apresenta as coletâneas *Ensaio de biologia social* e *Ensaio de geografia humana*, ambos publicados originalmente em 1957. Jamais se tratou de abrir mão da ciência em função da arte, mas de fazê-las dialogar. Esse é o sentido do ensaio em Josué de Castro, e é isso que se observa nas suas duas obras mais importantes, *Geografia da fome*, de 1946, e *Geopolítica da fome*, de 1951 (que compõem com *O livro negro da fome*, de 1957, sua trilogia clássica): o rigor do método ao lado da prosa aberta, acessível ao homem comum. (MELO, 2012, p. 113).

A expressão “ciclópico esforço arquitetônico”, ao passo que sintetiza a natureza diversa do conto de Josué de Castro, cria uma ponte que se estende até a margem de leitura do ensaio “A função social da ciência”. Extraído do livro *Ensaio de biologia*

social (1957), o referido texto examina com lucidez e plasticidade os “avanços” da medicina e da física. Deduz-se nos avanços (e retrocessos) processados historicamente na medicina e nas ciências modernas, a voz de alteridade de um suposto personagem de 1850.

O recuo temporal marcado pelo diálogo interno entre o discurso do ensaísta e a percepção da personagem oitocentista, retribui ao leitor a possibilidade de acompanhar na historiografia da física e da medicina, as *analepses* e *prolepses* sintomáticas da organização literária. A contraluz da fragmentação da temporalidade, o ensaio admite de forma direta sua filiação à técnica da composição prosaica consagrada nos romances *Viagem ao Centro da Terra*, de 1864, *Vinte Mil Léguas Submarinas*, de 1870 e *A Volta ao Mundo em Oitenta Dias*, de 1873, de Júlio Verne (1828-1905), conforme se vislumbra no excerto a seguir;

O progresso no campo das ciências físicas, da mecânica e da físico-química, tem sido incrivelmente mais rápido do que no campo das ciências biológicas, que servem de base científica à prática médica. Essa diferença se patenteia através do seguinte raciocínio: suponhamos que há um século fosse indagado, de um indivíduo de cultura mediana, o que ele esperava do futuro das ciências físicas no campo das aplicações práticas. Este homem, se fosse um otimista, um crente da evolução progressiva, diria que esperava a descoberta de processos capazes de permitir o voo humano através dos espaços, a navegação por baixo d'água, o registro definitivo das imagens e dos sons e a transmissão da voz através de longas distâncias. Ora, todas estas fantasias julio-vernianas, deste desvairado otimista de 1850, são realidades corriqueiras em nossos dias. Donde se deduz que a física e a química realizaram, dentro de um século, todas as suas premissas, ultrapassando, mesmo, em vários aspectos, o máximo das aspirações humanas. (CASTRO, 1959c, p. 144).

Não é de se estranhar que a lógica estrutural da ficção e da ciência josueniana confirme o espírito criador, fortalecendo o sociológico sem abrir mão do trato com a arte. Josué de Castro e Júlio Verne dialogam, portanto, pelas fantasias da viagem ao centro do homem. Para o próprio autor do ensaio, a busca pela verdade científica não se interpõe de forma contrária a experimentação sensível do real. Neste texto, Josué coloca em xeque a falta de aplicação social da ciência, justificando-a pela crítica que compreende a ciência como um mito, “o novo mito no qual se concentram as mais ardentes esperanças de uma grande parte da humanidade” (CASTRO, 1959c, p. 150).

Em discurso pronunciado na Câmara federal por ocasião do falecimento de Albert Einstein, e, *a posteriori*, publicado no *Ensaio de biologia social*, Josué de Castro reconhece no cientista o artista, sendo os verdadeiros homens da ciência os que a praticam para “investigar, para conhecer e para *criar* (grifo nosso). São os verdadeiros homens da ciência, os verdadeiros artistas da ciência. [...] Einstein foi um desses poucos fiéis. Nada o seduzia além da verdade, que é a poesia da ciência” (CASTRO, 1959c, p. 239).

A atmosfera dual manejada pelo pensamento de Josué de Castro desperta em Antonio Candido o senso para a natureza combativa e didática da obra josueniana. Por extensão à equivalência instrucional que cumpre a produção do intelectual pernambucano, o crítico localiza na atividade do pensador Josué o seu espírito antropológico, destacando que “[...] homens como Josué de Castro trouxeram à tona a triste realidade e levaram as concepções educacionais a serem mais realistas, porque ficou imprevisível esconder aos jovens a triste verdade” (CANDIDO, 1999, p. 6).

No *A função social da ciência*, “o élan fantasista” (CASTRO, 1959c, p. 146), responde ao estímulo do jogo do texto ⁸. A oscilação entre a verdade e a concreção simbólica da linguagem especula e desgasta o sentido pragmático da discussão da ciência no século XX, divisando o território do ensaio em margens tênues da relação do texto com os seus contextos. Deste lugar, deve-se entender o movimento da textualidade josueniana, como forma sensível, como interação aprazível ao diálogo com os pressupostos esmiuçados por Wolfgang Iser, na proposição filosófica de uma antropologia literária.

Tanto no conto *Solidariedade humana* quanto no ensaio *A função social da ciência*, a complexidade que enreda conteúdos, discursos e saberes ao mais alto grau de sofisticação e intertextualidade, força o leitor a perceber a dinâmica da obra josueniana

⁸ “No jogo, o fictício e o imaginário ganham manifestações ideais, pelas quais se evidenciam de forma pura, ou seja, além de suas funções pragmáticas nos mundos do discurso. Mais isso significa também que o jogo materializa o único lugar onde o fictício pode se distinguir do imaginário, sem a obrigação de postular um ponto de vista transcendental. O jogo permite tal distinção porque ambos só podem funcionar como interação, e também porque o próprio jogo se origina dessa interação”. (ISER, 2013, p. 369).

em seu fluxo contínuo⁹; tanto do ponto de sua (de)composição diegética, constituída por partes fragmentadas de biografia, documentário e invenção, quanto no trânsito das obras entre si, de modo pelo qual, a preocupação do sociólogo não esgota a disponibilidade do ficcionista, “até, pelo contrário, às vezes [parece] redobrar o interesse de uma humaníssima ficção; [retocada] de uma verdade mais sensível e profunda. (MONTENEGRO, 1959, p. 6).

Conclusão

A forma fragmentada como está posta a crítica dos textos literários de Josué de Castro reforça a necessidade de se aprofundar o parecer de juízos atribuídos à bibliografia deste autor. Assenta-se como justificativa relevante não apenas a simples difusão da crítica da literatura josueniana, mas a atividade de integração dos textos críticos.

A textualidade literária do *Documentário do Nordeste*, definida por Anna Menezes pela profusão das linguagens, diversamente advindas da geografia, das ciências médicas e da nutrição, ao passo em que revelam o exame das paisagens pobres e famintas do nordeste, servem à estilística josueniana o seu *status quo*, do imaginário poético formalmente constituído pela complementaridade dos saberes. Admitida esta leitura, “o aparentemente caótico é incorporado como dado da particularidade que valoriza o texto” (MENEZES, 2012, p. 156).

Candido (2006, p. 143) indica que a literatura, tanto para o crítico quanto para o estudioso da cultura e da sociedade “[...] é, contudo, uma elaboração de novos meios expressivos e um desenvolvimento de nova consciência artesanal”. Logo, em face da natureza interativa da obra científica e literária de Josué de Castro, convém pensar a leitura do conto e do ensaio, de tal modo, próxima à interpretação que assimila “o

⁹ “Cuando se puede decir de una forma que tiene una libertad más amplia que las otras, es más probable que se trate de la moral y del derecho que del arte. A pesar de cuanta fantasía y extravagancia entran por sus puertas, el arte está tan indisolublemente ligado a la realidad como la ciencia, si bien de otro modo; sus creaciones se apoyan siempre sobre los cimientos de la realidad, aunque a veces sigan un plan extraño a la misma” (HAUSER, 1977, p. 18).

significado da obra literária [como sendo] apreensível não pela análise isolada da obra, nem pela relação da obra com a realidade, mas tão só pela análise do processo de recepção, em que a obra se expõe, [...] na multiplicidade de seus aspectos” (STIERLE, 1979, p. 134).

Referências

- ATHAYDE, Tristão de. “Prefácio à décima edição”. In: CASTRO, Josué de. *Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço*. 10. ed. Rio de Janeiro: Antares, 1980a.
- ATHAYDE, Tristão de. *Teoria, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livro Técnico e Científico, 1980b. 594 p.
- BERGEZ et. Al. *Métodos críticos para a análise literária*. Trad. Olinda Maria Rodrigues Prata. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BURKE, Peter. *Um ensaio sobre o ensaio*. Folha de São Paulo, Caderno Mais, 28 jan. 2001.
- CASTRO, Josué de. *Geopolítica da fome*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1959a.
- CASTRO, Josué de. *Solidariedade humana*. In: *Documentário do Nordeste*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1959b.
- CASTRO, Josué de. *A função social da ciência*. In: *Ensaio de biologia social*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1959c.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CANDIDO, Antonio. *Para pensar o problema da fome*. *Folha de São Paulo*: São Paulo, 29 nov, 1999, C6, p. 6.
- CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. Trad. Davi Arrigucci Jr e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- EDITORA BRASILIENSE. [Sem título]. In: CASTRO, Josué de. *Documentário do Nordeste*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1959a. [Orelha do livro].
- EDITORA BRASILIENSE. [Sem título]. In: CASTRO, Josué de. *Ensaio de biologia social*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1959b. [Orelha do livro].

- HAUSER, Arnold. Sociología del público. In: *Sociologia del arte*. Barcelona: Labor, 1977.
- ISER, WOLFGANG. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Tradução de Johannes Kreschmer. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MELO, Normando Jorge de Albuquerque Melo. “Josué de Castro: um compromisso ético, estético e pedagógico”. In: SILVA, Tânia Elias Magno. (Org.). *Josué de Castro*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012, p. 108-140.
- MENEZES, Anna Waleska Nobre Cunha de. “Compromisso com a vida, não com a ordem: arte e ciência em Documentário do Nordeste”. In: SILVA, Tânia Elias Magno (org.). *Josué de Castro*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012, p. 150-160.
- MONTENEGRO, Olívio. Prefácio. In: CASTRO, Josué de. *Documentário do Nordeste (1937)*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1959.
- NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes; SANTOS, Mercês. “Sociedade dos mangues: Josué de Castro, sempre”. In: SILVA, Tânia Elias Magno (org.). *Josué de Castro*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012.
- ORTEGA Y GASSET, José. *Meditaciones del Quijote*. Madrid: Revista de Occidente, 1963.
- PAVIANI, Jayme. O ensaio como gênero textual. In: *Revista da Universidade Católica de Caxias do Sul – UCS - V SIGET*. Ago. 2009. Disponível em: www.ucs.br/ucs/tplSiget/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/textos_autor/arquivos/o_ensaio_como_genero_textual.pdf. Acesso em: 05. abr de 2015.
- STIERLE, Karlheinz. Que significa a recepção dos textos ficcionais?. In: JAUSS, Hans Robert. et al.(Org.). *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.